O coletivo Manifesto Crespo e a potencialidades das intervenções antirracistas na cidade de São Paulo[1]

The Manifesto Crespo collective and the potential of anti-racist interventions in the city of São Paulo

El colectivo Manifesto Crespo y el potencial de las intervenciones antirracistas en la ciudad de São Paulo

Débora Machado Visini
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

RESUMO

O objetivo da entrevista é apresentar o coletivo Manifesto Crespo, abordando algumas de suas produções e a maneira como elas se relacionam às interfaces e potencialidades crítico-epistêmicas da arte enquanto instrumento de subversão, renovação e reinvenção que possibilita a produção de narrativas e projetos de mundo diversos, oportunizando uma mudança macro e micropolítica. O foco de interesse e convergência da entrevista são as práticas de arte nos espaços públicos, demonstrando que nestes gestos criativos e ativistas, e sobretudo, pautados em uma produção comunitária, o coletivo inverte o sentido colonial das práticas de apropriação (que foram e são utilizadas pelo pensamento hegemônico, eurocêntrico, eugenista, cisheteronormartivo, entre outros) e reinventam suas próprias formas de reapropriação a partir da sua potencialidade de produção artística.

Palavras-chave: coletivos, intervenções, espaço público, América Latina, arte e ativismo

Trabalho submetido: 10/7/2024
Aprovado: 16/9/2024

ABSTRACT

The aim of the interview is to present the Manifesto Crespo collective, looking at some of its productions and how they relate to the interfaces and critical-epistemic potential of art as an instrument of subversion, renewal and reinvention that enables the production of diverse narratives and world projects, providing opportunities for macro and micro-political change. The focus of interest and convergence of the interview is art practices in public spaces, demonstrating that in these creative and activist gestures, and above all, based on community production, the collective inverts the colonial sense of appropriation practices (which were and are used by hegemonic, Eurocentric, eugenicist, CIS-heteronormative thinking, among others) and reinvents its own forms of reappropriation based on its potential for artistic production.

Keywords: collectives, interventions, public space, Latin America, art and activism

RESUMEN

El objetivo de la entrevista es presentar el colectivo Manifesto Crespo, examinando algunas de sus producciones y cómo se relacionan con las interfaces y el potencial crítico-epistémico del arte como instrumento de subversión, renovación y reinvención que permite la producción de diversas narrativas y proyectos de mundo, proporcionando oportunidades para el cambio macro y micro-político. El foco de interés y convergencia de la entrevista son las prácticas artísticas en el espacio público, demostrando que en estos gestos creativos y activistas, y sobre todo, a partir de la producción comunitaria, el colectivo invierte el sentido colonial de las prácticas de apropiación (que fueron y son utilizadas por el pensamiento hegemónico, eurocéntrico, eugenista, cisheteronormativo, entre otros) y reinventa sus propias formas de reapropiación a partir de su potencial de producción artística.

Palabras clave: colectivos, intervenciones, espacio público, América Latina, arte y activismo

Débora Visini é doutoranda em Artes Visuais na Unicamp, obteve seu mestrado em 2017 na Universidade Federal da Paraíba, bacharelado (2013) e licenciatura (2015) em História na Universidade de São Paulo.
https://orcid.org/0000-0001-9177-1086 | dehvisini@gmail.com

O coletivo Manifesto Crespo e a potencialidades das intervenções antirracistas na cidade de São Paulo

Débora Visini: Como e quando o coletivo foi formado?

Nina Vieira[2]: O coletivo Manifesto Crespo foi formado em 2011 por seis jovens pretas da cidade de São Paulo que tinham em comum uma discussão pulsando sobre cabelo crespo, e sobre como as nossas relações sociais e a nossa vivência de mulheres pretas de cabelo crespo estavam cruzadas. Então, esse grupo se deu com uma composição mista entre pesquisadoras de arte e sociedade, todas com práticas artísticas caminhando em paralelo às formações acadêmicas. Hoje, identificamos que nossas principais discussões permeiam corpo e identidade; então, a estética é um assunto recorrente que surge com penteados, moda, estamparia, dança, pesquisando o legado da população negra no Brasil. Até hoje o cabelo é um tema que borbulha, segue atual e necessário para nossa comunidade, mas a gente começou a transitar por várias linguagens, sempre caminhando junto da educação e do acolhimento, recebendo educadores, mães brancas de crianças negras, artistas e estudantes. Temos uma preocupação com a implementação das Leis 10639 e 11645[3] , e além de oferecer formações, buscamos informar e pressionar para que sejam aplicadas.

Então, o coletivo Manifesto Crespo nasce como esse núcleo de mulheres, que pesquisam, atuam com práticas de geração de renda e educação. Atuamos de forma independente, apoiadas por políticas públicas de cultura, campanhas e movimentos comunitários, e através de prestação de serviços para instituições culturais e de educação. Estamos hoje sediadas na Casa Crespa, nosso quilombo urbano matrigestado, um espaço multifuncional que recebe propostas de vivências, residências de arte e gastronomia, e claro, as festas. No rastro das organizações do movimento negro que nos antecederam, partimos das oficinas de tranças há uma década, para nos tornarmos referência nas pesquisas que encabeçamos e a representação de um grupo maior, como se a gente fosse uma coalizão de várias parceiras que sempre estão junto, apoiando as ações do coletivo.

1 Entrevista conduzida por Débora Visini na cidade de São Paulo no dia 29/06/2024.

2 Nina Vieira é uma das integrantes do coletivo Manifesto Crespo.

3 As Leis 10639 de 2003 e 11645 de 2008 foram marcos importantes na educação brasileira ao alterarem a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que passaram a incluir a história e cultura afro-brasileira e indígena obrigatoriamente nos currículos escolares.

Nos vemos como uma grande família muito heterogênea em origens, idades, etnias e orientações de gênero. No fim das contas, vamos misturar arte com muitas coisas: pesquisa, documentário, formações, junto com uma atuação política em marchas e manifestações, especialmente as encabeçadas por mulheres pretas. Na festa Di Rainha, por exemplo, nós produzimos um espaço multiartístico com produções de mulheres em evidência; rolam performances, saraus, *slams*, discotecagem e pequenos shows.

Débora Visini: Pensando nessa forte atuação de mulheres no coletivo, e junto com a descrição de vocês no LAPORA – um grupo de pesquisa que investiga práticas antirracistas no Equador, Brasil, Colômbia e México, da Universidade de Cambridge[4] – um dos principais objetivos do coletivo, gestado e gerido por mulheres negras, é promover a autoestima das mulheres negras e reconectá-las às suas origens e memórias dentro da diáspora africana, valorizando as particularidades e potencialidades dos corpos negros. Pensando nessas particularidades, vocês sentem alguma afinidade relevante com alguma vertente do feminismo?

4 https://www.lapora.sociology.cam.ac.uk/pt-br. (Acessado em 07/07/24).

Nina Vieira: O coletivo não se nomeia enquanto uma organização radicalmente fechada com algum setor do feminismo específico, mas nós estamos muito próximas às discussões e reflexões do feminismo interseccional, do feminismo decolonial e das práticas de povos ligados à terra, então é muito importante para nós, enquanto mulheres pretas, mulheres afrobrasileiras, mulheres afro-indígenas, que somos muitas de nós, dialogar com as mulheres indígenas, entender as lutas dos povos originários, não somente das mulheres, mas como um todo, é muito importante para a gente. Por esse caminho que seguimos, é uma prática muito feminista, se pensarmos no que herdamos, das atuações de mulheres negras em movimento como o Geledés, a Crioula, e as matriarcas à frente da costura e do sustento da vida.

Débora Visini: E vocês têm contato ou fazem referência a algum outro coletivo de mulheres na América Latina?

Nina Vieira: Sim, nós estamos sempre em uma rede de contatos, em breve faremos uma troca com o coletivo colombiano *Mujeres Bareales*, que visitará a Casa Crespa. Em termos de trabalho gráfico, produção na cidade e espaço público em geral, temos bastante admiração pelo coletivo de mulheres artistas e muralistas portorriquenhas *Moriviví.*

Débora Visini: Vocês consideram o trabalho do Manifesto Crespo arte e/ou engajamento social?

Nina Vieira: Nós somos um grupo de artistas e educadoras, coisas que trazem uma dimensão social intrínseca; a questão artística vem desde antes da militância em si, mas o engajamento social é presente. Também como gestoras culturais, nós agora temos um espaço físico onde nossas ações acontecem e são planejadas, a Casa Crespa. Um espaço que está localizado em um território de memória negra, que é o Quilombo do Jabaquara, um espaço que tem essa história, que é onde nós iremos gestar e gerir nossas práticas artísticas e educativas. Então nós fazemos arte e engajamento social

Débora Visini: O Manifesto Crespo também produz intervenções no espaço público? Quais foram as intervenções mais impactantes?

Nina Vieira: A gente costuma fazer intervenções com artes visuais no espaço público de maneira paralela a marchas e atos, fazendo parte do corpo de manifestantes e contribuindo artisticamente, deixando vestígios no espaço. Como foi na marcha para Marielle Franco, no "Dia da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha", que é no 25 de Julho; bem como o Julho das Pretas, na Marcha Mundial das Mulheres em 8 de Março, outras caminhadas e eventos, nós vamos "lambendo" pôsteres no caminho. Também tem algo que é muito nossa cara, que são as criações coletivas em muros e tecidos. Bebendo na fonte de símbolos Adinkra, partilhamos este conhecimento e convidamos as pessoas para a produção com carimbos ou máscaras de stencil, resultando em murais e na performance *Gira de Onnim.* Em muralismo, produzimos a série de grande formato intitulada *Pisando em espinhos e colhendo rosas*[5] , registrando

5 O título do trabalho do coletivo é inspirado no artigo da agente de saúde e educadora social Luiza Fabiana dos Santos, "Pisando em espinhos e colhendo rosas", publicado em O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe, organizado por Jurema Werneck, Maisa Mendonça e Evelyn C. White (2000).

por meio de colagens, com simbologias africanas e elementos do nosso imaginário afrobrasileiro, figuras de trajetória significativa para suas comunidades, como a Dona Maria do Quilombo da Caçandoca, que foi retratada no primeiro mural dessa série. Uma ação que tematiza uma pauta muito importante para a sociedade brasileira nesse momento foi a campanha realizada por meio de arte de rua, chamada "Mostra Nacional Juízas Negras pra Ontem" (Fig. 1), da qual participamos junto a 24 artistas negras, onde todos ao mesmo tempo, produziram um trabalho neste tema e colaram os pôsteres em espaços de grande circulação espalhados pelo Brasil. A intenção era fomentar o imaginário e pautar a opinião pública acerca da presença de uma mulher negra no Supremo Tribunal Federal. Essa instituição tão importante para nossa democracia nunca teve a participação de uma mulher negra; apesar de sermos uma parcela expressiva da população deste país, a gente teve um número irrisório de participação de ministros negros e de ministras mulheres. Então essa seria uma possibilidade de romper com essa triste estatística, que poderia mudar o rumo da nossa história, nesse momento que é tão importante a presença de pessoas que reflitam sobre a demanda da nossa população de forma transversal, quando diferentes violências e apagamentos vão sendo perpetuados a partir de algumas práticas que o STF tem a possibilidade de pautar, discutir, modificar.

Neste sentido, a campanha "Juízas Negras para Ontem", que aconteceu em setembro de 2023, com a participação de artistas de diferentes linguagens, origens e narrativas compondo essa voz, foi ativado em vários lugares do mundo, como forma de visibilizar essa questão, e teve a produção de murais com lambes em vários lugares ao mesmo tempo. É muito importante, mas não é sobre um cargo específico, embora naquele momento a mudança desses cenários estivesse em discussão. Essa é uma discussão sobre representação nas instâncias de poder, uma mudança de rumo na história. Como educadoras que somos, nos interessa pensar nos imaginários e em como fomentar um referencial positivo, como semear imagens que ainda não foram vistas, plantando uma nova imaginação, com agência e gerência de mulheres negras sobre a sua própria vida e o reconhecimento da sociedade em que elas estão inseridas.

Fig. 1 - Autoria Desconhecida, Fotografia, 2023. Mural na Avenida Paulista, 2230, em São Paulo (SP). Imagem cedida pelo coletivo Manifesto Crespo.

Débora Visini: É bem interessante você mencionar isso, pois parece que em um esforço constante para reescrever o curso da história da arte, os artistas e coletivos recorrem à reapropriação de discursos, imagens, arquivos, materiais e práticas como meio de reestruturar a memória e a identidade de grupos frequentemente excluídos de narrativas convencionais. Vocês acham que o coletivo faz isso de alguma maneira? Existe certo impulso ativista nessas práticas artísticas produzidas pelo Manifesto Crespo que invertem um sentido colonial a partir da reinvenção de práticas, da reapropriação de narrativas, ou mesmo da ocupação do espaço público?

Nina Vieira: Bem, no trabalho que estávamos comentando anteriormente, a imagem produzida traz o olho de uma mulher negra, em contraponto à clássica representação da justiça como uma

pessoa sentada, de olhos vendados, passiva e cega. Sabemos que nossa justiça não enxerga uma série de pessoas, grupos e demandas do povo brasileiro. A nossa reivindicação foi no sentido de cobrar por reparação histórica, com uma justiça que olhe para os fatores da nossa constituição enquanto sociedade colonial, que traçaram e até hoje demarcam desigualdades. A obra exibe um círculo com um olho, rodeado por figuras geométricas, inspiradas em nossa pesquisa visual embasada no oeste do continente africano. As produções estéticas desses povos, compostas por arte têxtil, arquitetura, produção de objetos em bronze, em cerâmica, são vastas e repletas de poesia. Nos inspiramos também no universo gráfico dos povos originários do Brasil; essa tem sido uma pesquisa na qual o coletivo Manifesto Crespo se debruça desde 2015 e a gente trouxe essas referências para a produção visual da peça gráfica, bem como carregamos em nossa identidade visual como um todo. Entendemos que tudo isso vai estar massivamente no espaço público, dialogando com a cidade, enquanto a gente comunica de uma forma subjetiva que somos mulheres negras, falando com um repertório visual próprio. Vale ressaltar que esses cartazes foram aplicados em grupos, eram muitos pôsteres juntos compondo paredões, empenas, grandes formatos fixados durante uma semana de intervenções[6].

6 https://www.juizasnegrasparaontem.com.br/ (Acessado em 07/07/24).

Ou, seja, quando a gente se coloca para refletir sobre a presença negra, transitando com seu corpo e identidade de uma forma livre e libertária, estamos propondo uma atuação política, porque o nosso corpo é político. Então, ao longo da nossa história, o nosso modo de caminhar, comer, nos relacionarmos, toda nossa cosmovisão foi sendo apagada, propositalmente invisibilizada; trazer isso à tona é um processo político, porque a estética não está esvaziada da política, ela não é só visual, ela é ligada à nossa forma de praticar a vida. Em artes africanas, por exemplo, os objetos não carregam finalidade puramente estética; elas são belas, sim, mas não têm função decorativa, elas têm utilidade, assim como para os povos originários aqui de Abya Yala, que também produzem nesse sentido. Então, esse é um resgate que tentamos trazer, pois percebemos que na subjetividade das mulheres negras, isso

foi profundamente danoso, a gente foi sendo enquadrada em padrões, anulando todas essas práticas que a gente falou aqui, como caminhar, como viver, como se relacionar em grupos, como educar as crianças, esse resgate está presente para o individual, mas também para o macro, para o político como um todo. Isso se expressa no caminhar individual de cada pessoa que está nesse despertar, como também no espaço público. Quando olhamos para trás, vemos que há 15 anos o contexto das mulheres negras em São Paulo apresentava uma grande diferença nessa possibilidade de existir de um jeito diverso. Por isso a gente se coloca como uma das referências que fez emergir esse legado, esse resgate do cabelo crespo, do *black power,* de pontos importantes da identidade negra, dessa possibilidade de poder comunicar através da vestimenta, do penteado, e como isso fortalece quando estamos em grupo, a gente se reúne para festas, tudo isso faz parte de um ativismo que não está em busca de convencer os outros, mas sim no fortalecimento da pertença em comunidade.

Débora Visini: É possível dizer que a produção do coletivo Manifesto Crespo é baseada, principalmente, nessas relações comunitárias?

Nina Vieira: Sim, temos como exemplo um trabalho que realizamos entre 2014 e 2015, em que promovemos um intercâmbio com comunidades lideradas por mulheres. Nós fomos para cinco territórios do estado de São Paulo: a Aldeia Guarani Tenindé-Porã, em Parelheiros; o Quilombo Caçandoca, em Ubatuba; a comunidade e centro cultural Orunmilá, em Ribeirão Preto; e o Jongo Dito Ribeiro, que é na fazenda da Roseira, em Campinas, e finalizamos reunindo as comunidades todas no Teatro Popular Solano Trindade, com a presença da cabinda Raquel Trindade, que ainda estava neste plano. Para este percurso, nós oferecemos oficinas para esses espaços, onde a prática de turbantes foi muita solicitada; íamos estabelecendo trocas, aprendendo sobre suas tecnologias ancestrais, como técnicas de plantio, jongo, percussão, ecoturismo, histórias das comunidades. Foi a partir dessa troca e escutas que produzimos, junto da Aimê Uehara uma série de documentários.

A gente sai da cidade de São Paulo, em um ônibus com cerca de 30 pessoas, em grupos majoritariamente compostos por mulheres, para fazer imersão nesses territórios, caminhadas, trilhas, vivências e celebração. Os encontros acontecem nos espaços comunitários, nas sedes das associações, em espaços que são utilizados pela comunidade do quilombo para fazer encontros, aulas, espaços multiusos que são usados para articulações políticas, reuniões, assembleias e educação.

Mas também gostamos muito de desenvolver trabalhos junto a ocupações, que são territórios ocupados pelo movimento sem teto, em feiras, em favelas, em centros de aglutinação política, social, cultural, são esses que acabam viabilizando o desenvolvimento das oficinas e das trocas.

Débora Visini: Nas palavras de Célia Regina Reis da Silva, em sua tese de doutorado, o coletivo Manifesto Crespo é destacado por seu "ativismo pautado em diálogos que promovem a valorização de culturas afrobrasileiras e pertenças negras, favorecendo movimentos e atitudes de negritude, com reconhecimento de suas estéticas e saberes, enfim, afirmando identidades negras" (Silva, 2016, p. 31). Ela também utiliza os termos processos educativos decoloniais, ações pedagógicas afro-populares, como as diversas intervenções produzidas por vocês promovem uma reflexão sobre o corpo negro, a diferença racial, a estética corporal de matrizes africanas e o contexto em que vivemos no Brasil?

Nina Vieira: Quando a gente traz a inserção de um elemento africano através de um símbolo ou de uma técnica de estamparia, ou uma técnica de amarração de turbante, vem tanta história com isso, de reinados e sabedorias, informações preciosas, que muitas vezes não tem uma formação na escola, pois os próprios educadores têm uma educação muito escassa sobre isso. Então, não é difícil as pessoas se espantarem com a profundidade desses saberes.

Essas ações pedagógicas populares e os processos educativos decoloniais que a Célia Regina menciona estão presentes em rodas de conversa e de acolhimento, na forma como nós, sendo um grupo de mulheres pretas, buscamos nos reunir, trabalhar e compartilhar o conhecimento. Geralmente estamos em roda e troca ideia de uma forma muito horizontal, no qual todo mundo tem espaço de fala e de escuta, a palavra vai circulando e agregando a memória de uma ou de outra, e como isso faz parte de um processo coletivo, de adoecimento e também de cura.

Débora Visini: Por falar em cura e nessa interface de produção natureza e arte baseada na comunidade, eu adoraria que que você falasse um pouco sobre o trabalho *Ewé: saberes ancestrais sobre folhas e ervas*, e explicasse um pouco a relação dele com uma biotecnologia ancestral e um pensamento ecológico, muito importante para a atual conjuntura em que vivemos.

Nina Vieira: Roda de Ewé começou com uma série de encontros realizados pelo Manifesto, que aconteciam na Casa Crespa, com mulheres que compartilhavam saberes ancestrais sobre o poder das ervas. Então a gente se coloca em uma roda para ouvir, uma à outra, sobre chás, xaropes, pomadas e toda a diversidade de medicinas naturais que herdamos das mais velhas, curandeiras, benzedeiras, parteiras, avós, que são detentoras de um saber poderosíssimo, ancestral, que não está necessariamente inserido na academia. Um saber que aparece, às vezes, em um olhar apropriado pela antropologia ou pela indústria farmacêutica, mas é importante que esses saberes sejam resgatados com relação à sua origem. Isso foi uma das inquietações que nos motivaram a promover esses encontros na casa. Hoje, esse projeto se expandiu para escolas, aconteceu em um formato de festival no Sesc Vila Mariana, que trouxe ainda mais formas de refletir sobre esse assunto, tanto por meio de vivências práticas quanto de performances artísticas, rodas de conversa, contação de histórias e palestras.

Convidamos a comunidade a pensar em como isso se conecta com um tema tão importante e atual que é a nossa conexão com a natureza, o nosso entendimento enquanto parte da natureza que somos, pois isso é um valor fundamental para as populações negras, herdado de uma forma muito camuflada pelos nossos antepassados e que está intimamente ligada a uma visão de mundo. Então, isso faz parte da vida cotidiana, como a gente se cuida, cuida do pensamento, cuida da cabeça, para ficar com a cabeça tranquila, fresca, para estar com ela fortalecida para as relações sociais. Isso está intimamente ligado às práticas presentes nas religiões de matriz africana e é importante ressaltar essa herança, essas práticas culturais e espirituais. Nós tivemos a oportunidade de ouvir Mães de Santo, Sacerdotes, Pesquisadoras de Fitoterapia que compartilharam saberes sobre banhos de ervas, práticas de acalanto, tecnologias poderosíssimas, que se fazem ainda mais necessárias hoje, já que nós estamos vivendo na cidade em busca dessa conexão. Esse espaço de desgarramento deixou todo mundo buscando essa conexão como se faltasse um pedaço que desenraiza a gente de coisas que nutrem a nossa alma, nutrem o nosso bem estar, através de um chá, um aroma, uma massagem; tudo isso é uma forma de tecnologia muito ligada ao saber feminino, da prática das mulheres.

Fica essa reflexão sobre corpo e natureza, nossa pertença ao território, a gente não está desgarrada da natureza, a gente é natureza, a gente flui como natureza, a gente funciona como natureza; e conhecer, respeitar e entender esses processos é fundamental para a gente poder educar as nossas crianças com um pouco mais de autoconhecimento.

E, pensando na conjuntura do país que a gente está, com tantas disputas por terras e por poder, essa conexão é muito necessária, pois não ter o direito à terra nos inválida da prática de outra forma de vida. Então, as populações e povos originários precisam da terra porque eles vivem em conexão com a terra, a gente precisa de terra para poder praticar o nosso modo de vida. As pessoas ligadas à terra são as guardiãs da sobrevivência como um todo.

A gente é natureza e a gente precisa ter acesso a isso, que é tão cobiçado pelo poder, para perpetuar as práticas de vida que são muito importantes para nós, assim como para o planeta como um todo.

Referências

Silva, C. (2016). *Crespos insurgentes, estética revolta, memória e corporeidade negra paulistana, hoje e sempre* (Tese de doutorado, PUC-SP). Pontíficia Universidade Católica.

Werneck, J., Mendonça, M. & White, E. (2000). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Pallas.